



Estudo comparativo dos casos de corrupção nas capas de ‘O Globo’ e ‘Folha de São Paulo: um enfoque semiótico¹

André Costa Lobato

Graduado em jornalismo pelo Departamento de Comunicação Social da PUC-Rio

Resumo

Este trabalho² compara, usando como ferramenta a semiótica, a cobertura dos jornais Folha de São Paulo e O Globo, na mesma semana de maio de 2002 e maio de 2006, os casos específicos de corrupção, e com valores-notícia similares, de Ricardo Sérgio e Silvio Pereira. O estudo atém-se às primeiras páginas de ambos veículos. Analisa-se cada um dos períodos enfatizando os sintagmas dos títulos, textos e sobretítulos, fotografias e a intertextualidade das diferentes mensagens. A partir do que é denotado e conotado, estabelece uma narrativa de comparação entre os veículos, identificando semelhanças e diferenças entres estes e entre os dois períodos.

Palavras-chave

Semiótica; valores-notícia, Folha de São Paulo, O Globo, corrupção

Este artigo é o resultado da pesquisa feita com as primeiras páginas dos jornais *O Globo* e *Folha de São Paulo* entre os dias 6 e 12 de maio dos anos de 2002 e 2006. Nele compara-se como acontecimentos com valores-notícia similares (as denúncias feitas contra Ricardo Sérgio em 2002 e por Silvio Pereira em 2006) foram tratados nesses diferentes períodos e veículos. O objetivo inicial da pesquisa - a monografia de conclusão de curso “Explorando o discurso jornalístico: análise das primeiras páginas de O Globo e Folha de São Paulo” - foi investigar como os dois jornais que mais vendem no Brasil³ operam o discurso jornalístico. Manchetes, diagramação, legendas, fotografias e o corpo das chamadas foram analisadas em sua totalidade – cerca de 360 chamadas, incluídos os anúncios, e 60 fotografias.

O método de pesquisa foi semelhante ao proposto por Jonathan Bignell (Diretor de pesquisa do Departamento de Filme Teatro e Televisão da University of Reading, Inglaterra) em seu livro *Media Semiotics*. O autor direciona estudos de diversos autores (Roland Barthes, Charles Peirce, Galtung and Ruge, Ferdinand de Saussure, John K.

¹ Trabalho apresentado ao GT Jornalismo, do XII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Sudeste.

² Trabalho baseado na monografia de conclusão de curso “Explorando o discurso jornalístico: análise das primeiras páginas de ‘O Globo’ e da ‘Folha de São Paulo’”

³ Em maio de 2002 e de 2006 a Folha vendeu, respectivamente, 347.900 e 309.218 exemplares e O Globo 271.646 e 272.500. Fonte: Instituto Verificador de Circulação



Whitaker e Roger Fowler) para uma análise semiótica das capas de dois jornais britânicos. Bignell propõe:

1. Compare o tratamento do mesmo evento noticioso em dois diferentes jornais publicados no mesmo dia. Quão similar ou diferente são as relações entre títulos, texto, figuras, layout, etc? Quais efeitos a conotação de diferentes formas de codificação que apresenta a história tem em seu significado? (...)
3. Escolha uma fotografia que seja interessante de analisar em termos de códigos e convenções apresentados nesse capítulo. Quão isso se relaciona com a história que a acompanha, legenda e título? (Bignell, 1997:108)⁴

Em “Jornalismo como uma forma de conhecimento”, Trinta e Costa Neves afirmam que é possível “compreender o campo jornalístico como constituído por uma *comunidade epistemológica*, destinada a construir e fazer circular um certo conhecimento da realidade para consumo público” (Trinta e Neves, 2004:9). Eduardo Meditsch, na mesma linha de pesquisa do jornalismo como uma forma de conhecimento, afirma: “o auditório universal que [o jornalismo] idealmente persegue refere-se a uma outra rede de circulação de conhecimento, constituída pela comunicação para devolver à realidade a sua transparência colectiva” (Meditsch, 2004:16).

É na proposta de entender sobre o que diz esse conhecimento a partir do funcionamento interno desta própria linguagem - e não de um “ponto de vista exterior ao objeto” pesquisado (Rocha; 1995:63). Desse modo, a delimitação do objeto se deu pelo tempo, a fim de fazer uma análise diacrônica e sincrônica. Ao optar-se por uma pesquisa não-temática – como fotografia, gênero etc - buscou-se identificar o quê está na primeira página, para depois estabelecer uma relação, lingüística ou temática, e aprofundar a análise dessas evidências.

Desse material tem-se diferenças gerais de como a informação é organizada na capa. A diagramação de *O Globo*, por exemplo, une elementos em caixas pretas (que remetem ao signo de conjunto), estabelecendo uma conexão visual entre diferentes notícias. Já a *Folha de São Paulo* dispõe as chamadas orientadas em seis colunas fixas e não agrupa as chamadas do caderno principal. Essa narrativa visual também pode ser constatada nos textos. *O Globo* usa mais conectores, como conjunções, e qualificadores, como advérbios e adjetivos. Além de diferenças gerais, é possível perceber semelhanças. A principal se dá nos acontecimentos de maior destaque, em que há uma interseção das narrativas dos dois jornais.

⁴ Tradução do autor

O dia 10 de maio de 2002 explicita essas duas conclusões gerais discutidas na monografia de conclusão de curso - diferença de códigos narrativos e semelhança da pauta (ou acontecimentos noticiados). Ambos jornais apresentam manchetes no topo da página. A manchete de cinco colunas e duas linhas de *O Globo* foi “Especulação com pesquisas derruba bolsa e faz dólar subir”, com subtítulo “moeda americana salta para R\$ 2,72 e Bovespa tem queda de 4%”. Na *Folha*, em seis colunas, “Dólar vai a R\$ 2,47; Bolsa cai 4,08%” com sobretítulo “Incerteza no cenário político leva moeda norte-americana a maior valor deste ano; risco-país dispara 5,7 %”. Assim, tem-se que *O Globo* dá prioridade à conexão entre cenário político e consequência econômica enquanto a *Folha* prioriza as variáveis econômicas em si, estabelecendo uma ligação com o ‘cenário político’ no sobretítulo, hierarquicamente inferior ao título. Ambos apresentaram fotos do debate entre empresários e os candidatos abaixo da manchete – estabelecendo uma relação visual entre economia e debate político - e situaram as chamadas desses acontecimentos abaixo dos textos relativos às manchetes. Então, a narrativa dos dois jornais é semelhante: os candidatos debatem com os empresários enquanto a economia se debate, temerosa de que Lula vença. Entretanto, *O Globo* estabeleceu essa relação de maneira direta, tanto no título quanto na diagramação com as duas chamadas inseridas na mesma caixa enquanto a *Folha* não opera desta maneira: há proximidade visual, mas não coordenação sintática (conjunção aditiva “e”) nem signo gráfico (a caixa preta) que determine essa conexão.

Quando as notícias apresentam o mesmo acontecimento, como no dia 10, não há necessidade de questionar a validade da comparação. Entretanto, quando os temas estão separados no tempo e possuem formatos, personagens e histórias diferentes os valores-notícia tornam-se ferramentas úteis. Um elenco de valores-notícia (Silva; 2004:13), então, pode ajudar na validação do estudo de caso comparado dos dois casos de corrupção. Vale lembrar que o objeto de estudo foi escolhido sem levar em consideração quaisquer acontecimentos particulares - o caso a ser aprofundado nesse artigo apenas reúne material suficientemente vasto para uma análise comparativa.

Tanto no caso Silvio Pereira quanto no Ricardo Sérgio reúnem-se os seguintes valores-notícia do elenco proposto por Silva: grandes quantias de dinheiro, proeminência dos indivíduos (Ricardo Sérgio arrecadador de campanhas tucanas e ex-diretor do Banco do Brasil e Silvio Pereira ex-dirigente petista), rivalidade (interna na crise tucana e entre oposição e governo em 2006), polêmica e escândalo, inesperado, suspense (são as denúncias verdadeiras ou falsas), proximidade geográfica (os



envolvidos são brasileiros), pronunciamentos de diferentes autoridades públicas sobre o assunto (presidência da república, por exemplo), denúncia (mal uso do dinheiro público), investigações (Comissão Parlamentar de Inquérito e Polícia Federal), decisões judiciais e crime (político-financeiro).

Essencialmente, em 2002 as acusações eram contra Serra, então candidato à presidência, e um arrecadador de campanha dele e de Fernando Henrique, Ricardo Sergio - que teria cobrado propina em privatizações feitas naquele governo. Já em 2006, o acontecimento inicial da cobertura foi entrevista em que o ex-dirigente petista Silvio Pereira afirmou que Marcos Valéria arrecadaria R\$ 1 bilhão. Outros acontecimentos tiveram suas narrativas consorciadas: eleição, e especulação, em 2002; sanguessugas e conseqüências da estatização do gás boliviano, em 2006.

Capas de 2002

O sintagma “crise Tucana” apareceu em duas manchetes: no *Globo* dia 06 (“Ministro ataca presidente do PSDB e acirra a crise Tucana”) e na *Folha* no dia 7 (“Crise Tucana faz crescer o receio dos investidores”). Em ambos os casos, em baixo destaque: em duas colunas no canto superior esquerdo, naquele, e em quatro no inferior esquerdo, nesta. Nesses dois momentos já se pode traçar um ponto básico da narrativa dos dois jornais. Embora O *Globo* aglutine acontecimentos de sua cobertura, nesta em especial isso não ocorrerá sistematicamente. Já a *Folha* apresentará uma cobertura mais extensa, pois parece que as informações são conseguidas mais pelos repórteres deste jornal do que do outro.

Como indicam as manchetes, o acontecimento noticioso do *Globo* é uma discussão intra-partidária e na *Folha* uma conseqüência econômica advinda de uma crise partidária. Em ambos os casos, tem-se como destaque o contra-ataque aos denunciantes. Em O *Globo*, o subtítulo “Mendonça de Barros promete fazer novas acusações contra Steibrunch e Ricardo Sérgio”. No texto o motivo da crise foi o ministro da educação Paulo Renato ter confirmado a versão de que Ricardo Sérgio “tentou cobrar comissão na venda da Vale [do Rio Doce]”.

Na *Folha*, no dia 6, as duas primeiras chamadas da primeira coluna são, respectivamente: “Jereissati diz que alugou avião para Serra em 94” e “FHC espera que Paulo Renato peça demissão”. Esta é conseqüência da afirmação do ministro de ter ouvido a versão do denunciante Steibrunch. No texto da outra, “para especialistas Tucano também deveria ter declarado gasto com aeronave”.

Este mesmo jornal apresentou outras duas chamadas, no dia 7, abaixo do texto da manchete, na sexta coluna. “FHC diz que acusações de propina são ‘requeentadas’” e “Steinbruch já tinha atrito com o governo, diz Mendonça”. Na primeira desqualifica-se as denúncias e na segunda, o denunciante. Ricardo Sérgio aparece como “arrecadador de campanhas de Serra e do presidente Fernando Henrique”. Assim, a manchete cita uma crise econômica advinda das denúncias e as duas chamadas seguintes tratam de declarações que desmentem a denúncia. Uma possível leitura dessas chamadas com a manchete é: há uma crise financeira provocada por acusações antigas feitas por um empresário descontente com o governo, ou a economia foi desestabilizada porque alguém acusou tucanos de corrupção, dando margem para seu adversário.

Neste mesmo dia 7, a manchete de *O Globo* é “Devassa em patrimônio de Ricardo Sérgio será ampliada” com subtítulo “FH diz que denúncia é requeentada; para Serra, é trololó eleitoral”. O substantivo “devassa”, além de denotar um procedimento de inquérito, também conota uma depravação do patrimônio privado – dada sua aproximação etimológica com libertinagem. No texto, a locução de gerúndio “da devassa que está sendo feita” representa redundância e explicita a intensidade da “devassa” no tempo. Em “a Corregedoria-Geral da União, depois de quatro anos, decidiu investigar o caso” o apostro parece apontar para uma demora inexplicável na decisão. No quadrado da manchete, a chamada “Banco manda tirar do Brasil e aplicar no México” torna clara a concomitância entre as denúncias e crise financeira. O texto informa que o “argumento” do banco foi outro, a “subida de Lula nas pesquisas”.

No dia 8, na mesma posição que no dia anterior, a manchete de *O Globo* é “Malan diz que só clareza dos candidatos evita especulação” sem referência a possíveis acontecimentos relacionados à manchete do dia anterior. Na *Folha*, na coluna direita, localizada entre manchete, foto e chamada sobre acidente aéreo e ação terrorista a chamada: “PF pede que ex-diretor do BB perca seu sigilo fiscal”. Esta é a única vez, no corpus da pesquisa, que o termo “propina” é usado para definir as supostas cobranças de Ricardo Sérgio.

No dia 9, a divulgação dos resultados do Censo 2000 foi manchete nos dois jornais. Abaixo da caixa preta relativa à manchete, em *O Globo*, a chamada “Senado convoca Steinbruch e Ricardo Sérgio para depor”. No texto além desses dois nomes, o “ex-ministro Luiz Carlos Mendonça de Barros” também foi convocado e o ministro Paulo Renato “convidado”. O apostro “com o apoio do PFL” tem relação direta com a charge imediatamente abaixo da chamada. Nela, Jorge Bornhausen atacará José Serra



pelos costas usando um taco que é uma caricatura de Marco Maciel. Assim, a relação intertextual aponta um ataque covarde contra a candidatura de Serra enquanto o título da chamada atem-se ao dois lados da denúncia, o denunciante (Steinbruch) e o denunciado (Ricardo Sérgio). A *Folha* não tratou da convocação do Senado.

No dia 10, analisado anteriormente, o texto da manchete associa a subida de Lula as denúncias de corrupção: “contribuíram para o nervosismo dos investidores temores de denúncias capazes de abalar a candidatura de Serra”.

Neste mesmo dia, a *Folha*, na primeira chamada da metade inferior da página, na sexta coluna, “Ex-diretor do BB ajudou a favorecer empresário”. No texto, o ex-diretor é Ricardo Sérgio e o empresário é Gregório Marin, “na época sócio em terreno do hoje presidenciável José Serra”. A cifra da ajuda é de “R\$ 73,7 milhões”. Tem-se nessa chamada um título que só pode ser entendido se integrado a narrativa dos dias anteriores. O verbo “ajudar” opera em redundância ao “favorecer” mas adiciona à esse sintagma verbal o significado de caridade, trabalhando assim em oposição à quantia milionária.

No dia 11 a penúltima chamada de *O Globo*, na primeira coluna, é uma resposta de Serra a essa última notícia da *Folha*: “Serra: denúncia é ataque especulativo”. No texto, cita-se a *Folha de São Paulo* e predomina a voz de Serra se defendendo. A última sentença do texto refere-se ao mesmo acontecimento que ganhou título em chamada, no mesmo dia, na *Folha*: “BB investiga operação que favoreceu empresário”. No texto, as mesmas informações do dia anterior (com o nome do jornal em negrito, por ter revelado a informação) e a voz do “Banco do Brasil” que “classificou de malsucedida” a operação que favoreceu as empresas do “sócio de Serra”. Ricardo Sérgio, “ex-arrecadador de campanhas tucanas”, era “diretor do BB à época da operação”. Assim, apesar de o título não mencionar Serra, seu nome é duplamente associado à investigação (como sócio e como beneficiário da arrecadação). Por último, afirmação de Fernando Henrique de que “o episódio não prejudica Serra”.

Vale destacar que a narrativa estabelecida entre denúncias contra tucanos no cenário eleitoral e suas conseqüências políticas, que obteve destaque no dia 10, tiveram duas chamadas que a contradiziam. Na *Folha* dia 9, última chamada da primeira coluna, “Temor sobre Brasil veio de brasileiros, dizem bancos” – nela, são citadas variáveis puramente econômicas – e em *O Globo*, dia 11, última chamada em duas colunas à direita, “Juros ainda podem cair apesar de inflação baixa”. Ainda na *Folha*, a manchete do dia 10 –em que o subtítulo fala de “incerteza no cenário político”- os dois últimos

parágrafos apresentam: “outro fator... é o mau desempenho da economia brasileira” e “a Embratel liderou as perdas ... devido a dificuldades de sua controladora” . Nestes casos, a *Folha* apresentou dados negativos da economia enquanto o *Globo*, prognóstico positivo.

Capas de 2006

A cifra de “R\$ 1bi” aparece pela primeira vez no dia 7 de maio na manchete de seis colunas e duas linhas em *O Globo* e na penúltima chamada da sexta coluna da *Folha*. No *Globo*: “Ex-dirigente do PT revela: Valério ia arrecadar R\$ 1bi no governo”, com subtítulo “Silvio Pereira rompe o silêncio: Quem mandava no PT eram Lula, Dirceu, Mercadante e Genoíno”. O uso do verbo ‘revelar’ seguido dos dois-pontos e do futuro do pretérito “ia” conota que a afirmação de Silvio Pereira era um fato que estava encoberto. A relação entre subtítulo e manchete é clara: por mandarem no PT os quatro nomes citados seriam os mentores da arrecadação. Dois significantes de Partido dos Trabalhadores (PT e petistas) foram citados nove vezes no texto, a cifra de “R\$ 1bi” três vezes. Na *Folha*: “Valério queria arrecadar R\$ 1 bi, diz Silvio Pereira”, o texto atém-se ao mecanismo de arrecadação (“empresas montavam pools”) e à fala de alguém, como indica o verbo “diz”.

Nesse dia, a *Folha* apresenta, centralizada na parte superior da página, foto em que Lula aparece andando despido e sozinho. Por não haver profundidade tem-se a impressão que ele colidirá com o tronco de árvore em foco e no centro da imagem. O sintagma “longe das crises”, na legenda, evidencia a intertextualidade da foto, que se refere à manchete “Crise fará energia encarecer ou faltar” – relacionada a estatização do gás boliviano. Com a mesma conotação de um presidente alienado – o studium (Barthes; 1984) apontaria: o ‘rei está nu’ - *O Globo* apresenta, no dia 8, no quadrado da manchete “CPI pede para PF intimar ex-dirigente do PT a depor”, uma fotografia onde “Lula passeia de charrete” em uma paisagem bucólica cercada de névoas. O subtítulo “Lula: ‘Silvio é livre para falar o que bem entender’; Berzoini parte para ataque” sugere a mesma indiferença presidencial conotada pela foto.

No mesmo dia 8, depois da manchete o maior destaque na *Folha* é para a chamada, no pé da parte superior, em três colunas e duas linhas: “Petistas tentam desqualificar declarações de ex-dirigente”. A utilização do verbo “tentar” indica o não-convencimento das afirmações, além de conotar incongruência hierárquica: os “petistas tentam desqualificar” quem antes os dirigia.

No dia 9, o *Globo* apresenta manchete “PF intima Silvio e CPI ameaça prender o ex-dirigente petista” e a *Folha* “PF intima Silvio Pereira a depor na CPI”. Em ambos os casos as manchetes são polissêmicas em relação a duas outras chamadas, situadas abaixo destas. Em *O Globo*, lê-se no texto de “OAB rejeita impeachment”: “o presidente não pode ser separado do mar de lama”. Na *Folha*, “OAB rejeita impeachment e pede que Lula seja investigado”. Em *O Globo*, a charge em que Marta Suplicy levanta as cordas de ringue de boxe onde um Serra musculoso aguarda a chegada de um esqualido Mercadante faz referência à chamada “Mercadante vence com alta abstenção” e também dialoga com a manchete, dado o sintagma “Enquanto isso em SP...” acima das caricaturas. Na *Folha*, a foto em que Marta, sentada, olha de soslaio para Mercadante em pé faz referência à chamada “Candidato, Mercadante tenta garantir apoio de Marta” e conota desconfiança. Embora os signos utilizados pelo *O Globo* conotem com maior força a visão do PT como réu, inclusive por agrupar os assuntos na mesma caixa, ambos veículos constroem uma narrativa similar: um partido enfraquecido sob forte investigação.

No dia 10, ambos os jornais apresentaram manchetes relacionadas a outro caso de corrupção. A de *O Globo*, entretanto, chama atenção por não exigir nenhum tipo de conhecimento exterior ao acontecimento (“Congresso recebia propina na mala na meia e na cueca”) pois expõe signos privados como índices de perversão pública e por seu alto valor polissêmico, que embora seja encerrado pelo sintagma “operação sanguessuga”, tem impacto sobre a narrativa que ocupava, no mesmo local da página, as duas manchetes anteriores do *Globo*, relativas à Silvio Pereira – tem-se aí uma relação sintagmática e paradigmática. Abaixo desse quadrado da manchete, um outro maior integra a chamada de cinco colunas “STF obriga Silvio a depor em CPI hoje” e outras duas chamadas “Uso de máquina até em ato de apoio” e “STF desobriga Dirceu de depor sobre Celso Daniel”. Entre a primeira chamada e as duas inferiores: foto de Silvio Pereira e charge em que Lula, de capa de chuva e guarda-chuva corre de ‘uma chuva de silvios’ que lhe apontam os indicadores. Ao ler-se o texto de “uso de máquina” encerra-se seu valor polissêmico: não se trata de uma matéria sobre o PT e as denúncias que enfrenta, mas sobre Anthony Garotinho, então em greve de fome.

A *Folha* apresenta a mesma foto de Silvio Pereira, apenas enquadrada verticalmente. Na fotografia, ele está com a cabeça baixa, as feições do rosto contraídas e as mãos erguidas em direção ao fotógrafo, estabelecendo distância. O signo icônico, acompanhado dos demais lingüísticos, torna o referente o próprio símbolo dos

personagens apresentados: na legenda do *Globo* uma encenação (“mão enfaixada e caretas diante dos flashes”) e na da *Folha*, um homem em “crise nervosa”. A chamada deste jornal - “STF nega pedido de Pereira para não depor hoje na CPI” - está posicionada, em três colunas, no mesmo lugar da do dia anterior - “Petistas tentam desqualificar...”. Embora nos dois veículos o STF seja sujeito ativo, o uso dos verbos ‘negar’ e ‘obrigar’ conotam duas situações jurídicas opostas. No *Globo*, a chamada “Supremo livra Dirceu de ser investigado no caso Daniel” posiciona-se abaixo do texto relativo a Silvio Pereira. A conexão visual segue o padrão – tanto neste dia quanto no anterior – dos citados por Silvio Pereira na primeira manchete estudada: Mercadante, Lula e Dirceu como “quem mandava no PT”. *O Globo*, entretanto, enriqueceu a polissemia dos títulos convergindo-os à narrativa estabelecida após a entrevista com Silvio Pereira.

No dia 11, *O Globo* apresenta, inserida no quadrado, a mesma estrutura semântica do dia anterior: manchete sobre Silvio, chamada à direita envolvendo um dos citados como mandantes do PT e, à esquerda, chamada sobre outro assunto com título de forte valor polissêmico. A manchete de duas colunas “Silvio se contradiz, alega esquecimento e irrita CPI” tem como subtítulo “Ex-dirigente petista diz que Delúbio Soares não agiu sozinho e poupa Lula”. Se até este dia a narrativa do jornal apresentava o depoimento de Pereira como verossímil, agora a narração aponta um depoimento pouco crível. Tem-se isso a partir, por exemplo, da oração adversativa “e poupa Lula” e dos verbos “contradiz” e “alega” (em oposição à “revela”) além da própria chamada “O generoso Tio Patinhas”. Nesta, o jornal usa de ironia para desqualificar a suposição de que dívidas do Lula foram pagas por correligionário: Paulo Okamoto “era sovina no PT” mas “contraditoriamente ... alega que pagou do próprio bolso” dívida de Lula. A chamada “Câmara não investiga os principais suspeitos” é polissêmica por conotar a não apuração de denúncias e porque pode referir-se aos suspeitos levantados na entrevista de Silvio Pereira; o texto informa se tratar da “quadrilha que superfaturava emendas do orçamento para compra de ambulâncias”. A charge dá continuação à do dia anterior: Lula está com o guarda-chuva aberto e corre para atravessar a chuva de ‘silvios perereiras’ sem, metaforicamente, se molhar. A conotação é clara e condiz com as dos demais sintagmas: apesar das denúncias apontarem para Lula, ele não será atingido por estar protegido.

A foto de Silvio Pereira merece destaque porque demonstra a riqueza icônica do fotojornalismo. Na foto, ele tem a boca cerrada, os olhos arregalados e a cabeça voltada



para baixo. O microfone se estende desde fora da imagem até o centro dela, confrontando Pereira, que o fita constrangido – tem-se aí um *punctum* (Barthes; 1984). A contração da cabeça parece segurar sua glote, evitando que algo jorre por sua garganta; no caso, provas do que afirmara ao jornal. Assim, tem-se um momento de tensão entre o denunciante e a compressão de sua voz. A conotação da imagem é clara: Pereira nega à CPI as informações que forneceu em entrevista ao *Globo*.

Na *Folha* - posicionada na primeira coluna abaixo da manchete “Câmara inocenta 36 acusados de Fraude” - a chamada “Na CPI, Pereira volta atrás de acusações feitas em entrevista” com texto: “disse não saber distinguir o que é ‘fato fantasia ou ficção’”. Ambos veículos encerraram seus textos sobre o depoimento de Silvio Pereira com sua declaração de que “votará” de novo nele em Lula. À esquerda, na base da parte superior, outra chamada “Opportunity acusa os petistas de cobrança de propina; sigla nega” trata, no texto, de carta “apresentada na CPI dos Bingos”, a mesma que ouviu Silvio Pereira.

No dia 12 a *Folha* apresenta a chamada “Pereira fala à PF e diz repetir o que lê na mídia”, ocupando a terceira e quarta coluna. *O Globo* não apresenta nenhuma notícia relacionada ao tema.

Conclusão

Pôde-se demonstrar que em 2002, a cobertura da *Folha* teve mais chamadas que a de *O Globo* - que apresentou duas chamadas e duas manchete diretamente relacionadas às denúncias contra Ricardo Sérgio. Já a *Folha de São Paulo* apresentou seis chamadas e duas manchetes. Em 2006 a cobertura da *Folha* também apresentou maior número de chamadas (seis, sendo uma manchete) que *O Globo* (cinco, sendo quatro manchetes). A narrativa deste jornal foi mais associativa, integrando outras chamadas e apresentando títulos polissêmicos. Em ambos veículos, os acontecimentos noticiosos relacionados diretamente com os dois temas estudados tiveram uma narrativa visual de pouco destaque em 2002 - porque as chamadas apresentavam-se em posições diversas na página, sem fotografias e normalmente em não mais de duas colunas – se comparadas com as de 2006, quando as chamadas ocuparam majoritariamente a parte superior do jornal e exibiam tipografia maior. Excluindo-se as duas fotos de Lula, uma em cada veículo, foram três fotos de Silvio Pereira – duas no *Globo* e uma na *Folha*. Não houve fotos relacionadas ao tema em 2002.

Em 2002 as informações estavam dispersas entre os dois jornais, por exemplo, a convocação de Ricardo Sérgio para depor no Senado, em *O Globo*, e a associação institucional entre ele e os “tucanos”, na *Folha*). Já em 2006 as informações apresentaram-se, majoritariamente, nos dois veículos. Isso indica que a cobertura de *O Globo* foi a mais desigual entre as duas, principalmente ao se considerar o tamanho das caixas em que estavam inseridas as matérias sobre Silvio Pereira.

No artigo “Os tempos no discurso do jornal: fotografia, títulos e diagramação” Elton Antunes pergunta se os elementos gráficos, como a tipografia e forma das fotos, não seriam uma tentativa de representar “diferentemente o sentido de atualidade” (Antunes; 2005: 14). Tomando-se essa hipótese como correta, é possível concluir que em 2002 o sentido de atualidade foi menos intenso que em 2006, pois se a hierarquia dos acontecimentos noticiosos, ou o destaque das chamadas, demonstrou-se tão diferente entre os dois períodos, pode-se assumir que o sentido de urgência e importância também foram diferentes. Segundo Souza, as fotografias contribuem para o enquadramento de uma história, podem influenciar as atitudes do observador frente aos seres representados, dão mais crédito à idéia do que à razão e que são uma das principais “representações que alguns observadores têm dos acontecimentos” (2003:2). Assim, temos que a ausência de qualquer foto de Ricardo Sérgio ou de qualquer personagem da “crise tucana”, em ambos jornais, indica uma menor representação desses acontecimentos se comparados aos outros do mesmo período. Tanto *Globo* como *Folha* apresentaram uma foto de Serra, no dia 10. Ambas se referiam ao debate com empresários (ver página 3) em que conotavam Serra como representante da estabilidade, embora estivesse desfocado, enquanto Lula como da instabilidade. Já em 2006, as fotografias estavam situadas na parte superior da página- com exceção da de *O Globo* do dia 10 – ao lado da charge de Lula fugindo da chuva de ‘silvios’.

Globo

Nas duas manchetes do *Globo* em 2002, as vozes de defesa dos acusados têm total predomínio sobre a dos acusadores. Ricardo Sérgio aparece unicamente como ex-funcionário do Banco do Brasil e, como se viu, a própria investigação sobre seu patrimônio conotou uma invasão exagerada, em detrimento da lisura judicial. O substantivo “comissão” foi usado nas duas manchetes e “propina” em uma (“Senado convoca... para depor”); em “Serra: denúncia é ataque especulativo” a palavra usada é “negociação”, destas a única que remete unicamente a um caso de corrupção é “propina”. O governo em questão, Fernando Henrique Cardoso, não foi associado



diretamente às denúncias – por exemplo, não houve destaque em chamada para a convocação do ex-ministro Mendonça de Barros – e quando houve essa associação o sentido geral foi de uma troca de acusações interna ao PSDB, sem conseqüências para a governabilidade. Pode-se citar como exemplo: “Ministro ataca presidente do PSDB e acirra crise tucana”. A associação com acontecimentos externos se deu juntamente com o debate eleitoral e a negativa conseqüência econômica da subida de Lula

Já em 2006 a associação foi explícita e repetitiva. Os termos ‘PT’ e petistas apareceram vinte e cinco vezes no jornal e diferente de 2002, esses significantes estavam relacionados às acusações e não às defesas. A polissemia constatada favorece essa análise, que condiz com a afirmação do dia 9 de que a afirmação de Silvio “reascendeu a crise política”. Neste mesmo dia, uma fala claramente da oposição está na manchete “... e ameaça prender ex-dirigente petista”, que faz referência à fala do presidente da CPI dos Bingos: “Ele virá de qualquer maneira, nem que seja preso”. Inicialmente, este jornal construiu uma narrativa afirmativa sobre as informações ditas por Silvio Pereira à sua repórter, tal caráter de verdade, exemplificado na primeira manchete pelo verbo “revela” vai se deteriorando até que se transforma em contradição e inverosimilhança, com o uso do verbo “alega”.

A maior intensidade da cobertura também pode ser constada pela repetição das cifras – importante valor-notícia nestes dois casos. *O Globo* citou uma vez a cifra de “R\$ 15 milhões”, associada à “comissão” que Ricardo Sérgio “teria cobrado” na venda da Vale do Rio Doce. Já o valor de “R\$ 1 Bi”, que “ia” ser arrecadado, apareceu neste por quatro vezes, associado também aos significantes de “Partido dos trabalhadores” e à “Marcos Valério”.

Folha

A *Folha* apresentou cifra de “R\$ 15 milhões” duas vezes, uma de “R\$ 90 milhões”, relacionada à “propina” na privatização da Telebrás e outra a redução de dívida de “73,7 milhões” a duas empresas – tais valores apareceram em chamadas separadas, em dias diferentes, com exceção de 7 de maio, único dia em que apareceu a cifra de “15 milhões”. Em nenhuma dessas vezes obteve destaque em título ou subtítulo. Já o valor de “R\$ 1 Bi” apareceu doze vezes nesse jornal, uma em título e outra em subtítulo. Este valor, maior do que a soma dos anteriores e carregado de um sentido mítico de grandeza, apareceu ao menos uma vez em todas as chamadas. Tal incidência não ocorreu, como se viu, com os valores de 2002: eles foram apresentados de maneira isolada.

As duas manchetes apresentadas pela *Folha*, em que Sergio Ricardo é citado, tratavam das denúncias contra ele como causa da crise econômica, em conjunto com a subida de Lula nas pesquisas. Estes dois casos foram os únicos em que as chamadas envolvendo o “Ex-funcionário do BB” não possuem apenas uma coluna. Assim tem-se que a narrativa priorizou a relação de causa e consequência – expressada pela locução verbal “faz crescer”, no subtítulo do dia 10 – entre denúncia e crise econômica. Como se viu no dia 7, mesmo em que a cifra de “R\$ 15 milhões” é citada duas vezes, o jornal conota que a crise econômica é fortalecida por denúncias “requentadas” de um empresário “descontente” com o governo.

A narrativa estabelecida entre denúncias contra tucanos no cenário eleitoral e suas consequências políticas, que obteve destaque no dia 10, tiveram duas chamadas que a contradiziam. Na *Folha* dia 9, última chamada da primeira coluna, “Temor sobre Brasil veio de brasileiros, dizem bancos” – nela, são citadas variáveis puramente econômicas. A manchete do dia 10 – em que o subtítulo fala de “incerteza no cenário político” – os dois últimos parágrafos apresentam: “outro fator... é o mau desempenho da economia brasileira” e “a Embratel liderou as perdas... devido a dificuldades de sua controladora”. Assim, tem-se que apesar de algumas narrativas apresentarem-se predominantes por seu destaque visual, há a possibilidade de seus sentidos míticos – como o dos tucanos como representantes da estabilidade econômica e denúncias contra eles como causa dessa mesma instabilidade – serem encerrados por outros acontecimentos noticiosos.

Este jornal apresentou por uma vez Ricardo Sérgio como arrecadador das campanhas de Serra e de FHC (na manchete “Crise tucana faz crescer o receio de investidores”) e duas vezes como “arrecadador de campanhas tucanas” (na manchete “Dólar vai a R\$ 2,47; Bolsa cai 4,08%” e na chamada “BB investiga operação que favoreceu empresário”). Assim como os valores não apareceram em manchete ou subtítulo, esse vínculo institucional entre PSDB e Ricardo Sérgio também não possui tal destaque.

Segundo Bignell, signos lingüísticos, visuais e outros podem induzir um conjunto de conotações que passam a ser atreladas ao signo; “Barthes chama esse fenômeno social, a associação entre os signos e suas conotações para definir uma mensagem particular, a produção do mito” (Bignell; 1997:16). Então, podemos identificar alguns signos e as conotações que lhes foram atribuídas e estabelecer sentidos míticos.

Constatou-se nesse trabalho, que a associação institucional entre Ricardo Sérgio e o PSDB foi inexistente no *Globo* enquanto na *Folha* ela predominou quando houve relação com a crise econômica. Isso indica que ambos os jornais utilizaram a técnica da personalização diferentemente nos dois casos. Enquanto em 2006 a personalização foi enfática em destacar o pertencimento hierárquico a um grupo particular, em 2002 este recurso foi escasso, e associado à instituição do Banco do Brasil, em detrimento da campanha.

Para Bignell os títulos são sintagmas com a função de chamar a atenção do leitor sobre o tópico de cada história noticiada e, através das conotações dos signos lingüísticos, propor algum dos códigos sociais apropriados para entendê-las (Bignell: 96).

Sobre esses sintagmas, viu-se que assim como o *Globo*, a *Folha* não dedicou nenhum sobretítulo (no *Globo* subtítulo) ou título para as cifras de 2002 nem para a personalização de um grupo particular, o que ocorreu em 2006. Ambos os jornais também dedicaram seus títulos para estabelecer uma relação de causa e efeito (polissêmica ou sintagmática) entre as denúncias e a instabilidade econômica, em 2002. Além disso, notou-se que os dois também dedicaram estes sintagmas para que as acusações fossem desqualificadas. Em 2006 isso não ocorreu. Ambos apresentaram as defesas de maneira desqualificada, *O Globo*, inclusive, usou de ironia.

Considerando que esses sintagmas são macro-narrativas que articulam os diversos enunciados do jornal (Antunes: 8) pode-se concluir que a macro-narrativa de ambos tem aí um ponto em comum. Disso, conclui-se que, na macro-narrativa destes jornais, as denúncias eram desqualificáveis e perturbadoras de outra ordem, que não a da política, e que em 2006 teve-se um caso de confissão pública e política de crimes em que as falas dos atingidos eram desqualificadas.

Tem-se, então, uma análise diacrônica do resultado mítico de alguns signos: *PSDB* (então governo) como representante da estabilidade econômica; as *denúncias* em 2002 como duvidosas e em 2006 como afirmativas; o *PT* (então governo) como representante da tentativa de usar o Estado para o enriquecimento. *O Globo* conotou o envolvimento de duas personalidades nas denúncias de maneira oposta: Lula como culpado e protegido e Serra como vítima e traído.

Mas como se disse anteriormente, outras informações podem contradizer esse discurso majoritário. Vale ressaltar que essa análise trata exclusivamente do período estudado e que ao trabalhar com os instrumentos analíticos de *conotação* e *mito* esse



trabalho não pretende tratar de realidade ou ficção, mas apenas de enriquecer um estudo sobre a linguagem jornalística.

Referências bibliográficas

ANTUNES, Elton, 2005. Os tempos no discurso do jornal: fotografias, títulos e diagramação. *XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. INTERCOM (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação). Rio de Janeiro, 5 - 9 de setembro.

BARTHES, Roland. 1984. *A câmara clara: nota sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

BIGNELL, Jonathan. 1997. *Media Semiotics*. Manchester: Manchester University Press.

MEDITSCH, Eduardo. 2002. O jornalismo é uma forma de conhecimento?. *Media & Jornalismo*, out. 2002, vol.1, no.1, p.9-22.

ROCHA, Everardo. 1995. *A sociedade do sonho. Comunicação, cultura e consumo*. Rio de Janeiro: Mauad Editora.

SILVA, Gislene. 2004. Valores-notícia: atributos do conhecimento (para pensar critérios de noticiabilidade).
<http://reposcom.portcom.intercom.org.br/dspace/bitstream/1904/17409/1/R0797-1.pdf>

SOUSA, Jorge Pedro. 2003. Estereotipização e discurso fotojornalístico nos diários portugueses de referência: os casos dos *Diário de Notícias* e *Público*. *XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. INTERCOM (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação). Belo Horizonte, 2 a 6 de setembro.

TRINTA, Aluizio Ramos e NEVES, Teresa Cristina. 2004. A função cognitiva do jornalismo. (A contribuição de Robert E. Park). *XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. INTERCOM (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação). Porto Alegre.